

O ENSINO DE PRONÚNCIA NA FORMAÇÃO DO ALUNO DE LETRAS: CONTRIBUIÇÕES DA HABILIDADE “*LISTENING*”.

Leônidas José da Silva Jr (CH/UEPB)

leonidas.silvajr@gmail.com

Rosângela Neres Araújo da Silva (CH/UEPB)

rneres@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O ensino de pronúncia na sala de aula de Língua Estrangeira (LE) sempre se mostrou uma questão controversa, sendo, muitas vezes, erradicado da prática dos professores. Embora haja um considerável número de pesquisas sobre a importância e mediação do ensino dos aspectos fonético-fonológicos, tais como: Jenkins, (2000), Celce-Murcia, (2010), Avery & Ehrlich, (2012a) e no Brasil, Alves (2009), Silva Jr & Scarpa (2013), tal questão ainda não tem o destaque que merece nas universidades e/ou escolas de ensino regular na rede pública. Não há interação da pronúncia às outras habilidades linguísticas como leitura e escrita porque, por estímulo de tais habilidades, haverá um processo chamado transferência fonológica (TF) do português para a pronúncia do inglês que se dá em função das diferenças de sistemas de som da LE e a transferência *grafo-fônico-fonológica*, que se dá em função da forma grafada conforme Alves (2009), Avery & Ehrlich (2012a) e Silva Jr & Scarpa (2013).

O presente trabalho tem como objetivo mostrar que quando o aluno é exposto às atividades de “*listening*” antes de observarem aspectos morfossintáticos da LE, o aprendizado de pronúncia é bem mais efetivo; mesmo na fase adulta. Isso faz com que o professor em progresso / futuro profissional de língua inglesa tenha autonomia no processo de oralidade para que, seu letramento se dê em interface sintaxe-fonologia da língua-alvo.

2. METODOLOGIA.

Nossa pesquisa foi realizada a partir de aulas em uma turma do 1º ciclo do curso Letras-Inglês - **2014.2/manhã** - na UEPB/CH/Campus III – Guarabira-PB. Houve um total de 24 aulas (50 min/aula) divididas em seis semanas sendo 04 aulas/dia. Um

total de 15 alunos e 07 experimentos compõem nosso corpus. Todas as 24 aulas foram conduzidas apenas em inglês.

Durante as primeiras 16 aulas, ou seja, da 1ª – 4ª semana, os alunos foram expostos a diversas sequências conversacionais tais como: “*greetings*”, “*my country*”, “*my family*” e “*likes & dislikes*” apenas partindo de exercícios de “*listening*” (faixas do áudio do material didático e a condução do professor) e “*speaking*” (produção fonética dos alunos quando solicitados). O material didático que utilizamos para montagem do corpus foi o ***American Headway: student book 1 e cd 1*** de autoria de *John Soars & Liz Soars (Oxford University Press, 2001)*.

Nas últimas 08 aulas – 5ª e 6ª semana – utilizamos duas frases-veículo – extraídas do material didático - para estender ao máximo as respostas dos alunos na língua-alvo. Vejamos as frases em (1):

(1)

- *What are you going to do on your vacation?*
- *I am going to _____A_____ to _____B_____.*

Em “A”, o aluno deveria colocar o nome de um país – de uma lista de 05 países (Mexico, Japan, *Italy*, *Russia*, *Brazil*) em “B”, o aluno deveria completar com alguma informação, como por exemplo: “*I am going to **Japan** to **visit my family***”. Para seguir nossa proposta, as frases-veículo também não foram mostradas aos alunos para leitura. Eles as ouviam a partir do material de áudio e as utilizaram em suas produções. Retiramos para análise 02 frases (“*going to do*” e “*on your vacation*”).

Para a pronúncia dos países e frases supracitados, utilizamos o critério de grau de dificuldade a partir de elementos da fonologia SE e SU. O grau de dificuldade dos eventos foi baseado nos postulados de Selkirk (1984), Hayes (1995) e Avery & Ehrlich (2012b) e medidos nesta pesquisa em uma escala de 1-7 sendo “1” mais fácil e “7” mais difícil. As dificuldades apontam que i) sílabas (CV) portadoras de acento [+1] como [m] em “**MExico**” são melhor produzidas por falantes de línguas silábicas – o português brasileiro (PB), por exemplo; ii) aumenta-se o grau de dificuldade quando: há alternância rítmica, há *onset* com “*flapping*” alveolar [] substituindo a oclusiva coronal [t], há *onset* simples (C) retroflexo e *onset* complexo (CC) composto por *clusters do tipo* {+ bilabial}[+ rótico/central] respectivamente em “**JAPAN**”, “**ITALY**”, “**RUSSIA**” e “**BRAZIL**”; iii) s são mais difíceis de produzir do que s por envolverem aspectos SU da língua.

Vale salientar que nossa análise se deu sob o ponto de vista fonético-perceptual e a partir dela verificamos os seguintes resultados:

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Fig. 1 a seguir, podemos observar a quantificação na produção dos alunos nas palavras e frases analisadas deste trabalho em que, o eixo das ‘ordenadas (eixo ‘Y’) representa o percentual da quantidade de acerto / erro na produção dos alunos e o eixo das abscissas (eixo ‘X’) representa nosso corpus. Na Fig. 2, vamos observar uma linha de tendência (LT) para as realizações na 1ª semana e na Fig. 3 para a 6ª semana. A LT representa a quantidade de alunos que produziu os eventos em função do grau de dificuldade dos experimentos, ou seja, quanto maior a dificuldade das palavras/frases, menos alunos tendem a produzi-las.

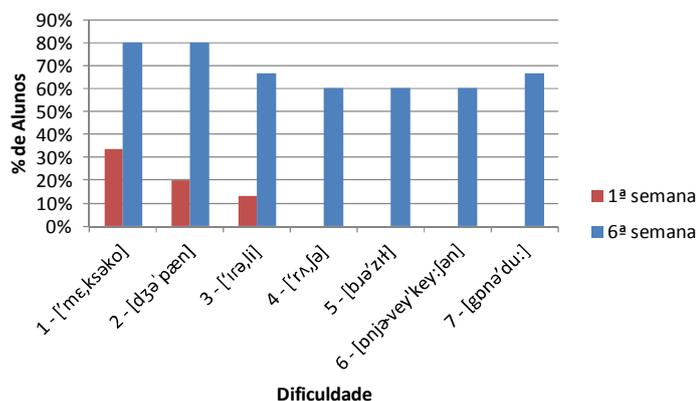


Figura 1: Porcentagem das produções dos alunos na 1ª e 6ª semana.

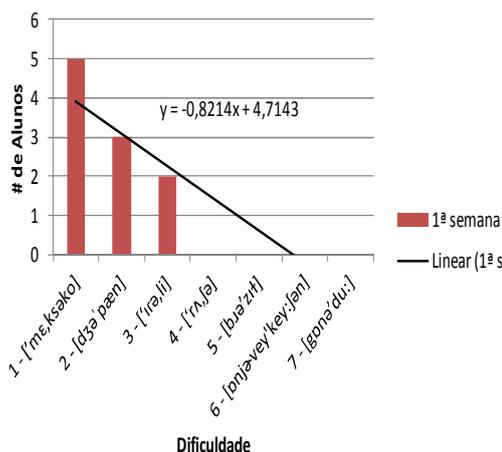


Figura 2: Curva de tendência para o grau de dificuldade dos alunos nas produções na 1ª semana.

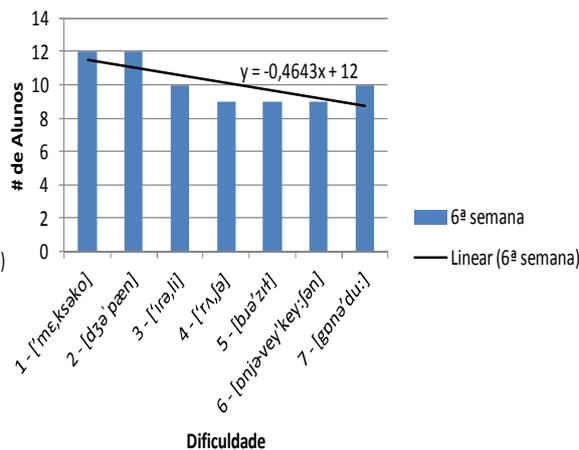


Figura 3: Curva de tendência para o grau de dificuldade dos alunos nas produções na 6ª semana.

A partir da 6ª semana, a produção de palavras e frases fonológicas (respectivamente ‘ ’ e ‘ ’) como: “MEXICO” [m ks ko] , “JAPAN” [d pæn] “ITALY” [ɪ li] , “RUSSIA” [r ,] , “BRAZIL” [b 'zɪl] e “ON YOUR VACATION”

[nj vey'key: n] , “GOING TO DO” [g n 'du:] , foram realizadas de modo que a linha de tendência, apesar de ainda estar decrescendo, tende a ficar mais constante. Tal fato se reflete em nossos resultados matemático-estatísticos em que, o C_{coef} angular (“a” em $y = ax+b$) é bem maior na 1ª semana do que na 6ª; o que demonstra que desnível da percepção e produção dos alunos em função do grau da dificuldade fonético-fonológica dos eventos diminui de forma significativa.

Os processos de sândi / junturas – interno como em “GOING TO DO” [g n 'du:] e externo como em “ON YOUR VACATION” [nj vey'key: n] - são consideravelmente destacados comparando-se a 1ª à 6ª semana.

Apontamos aqui para uma boa realização dos aspectos SU da LE, muito provavelmente, por não ter havido interferência lexical durante a etapa experimental desta língua-alvo. Vale frisar que ainda encontramos TF da LM incidindo sobre a LE durante as produções.

Verificamos e atestamos a hipótese de que, se estimulados de maneira auditiva, o aluno/falante de inglês como LE pode produzir resultados mais eficazes do que se utilizarmos a leitura ortográfico-lexical ou frasal como primeiro estímulo.

4. CONCLUSÃO

Concluimos a partir desse estudo - de modo preliminar - que o uso da habilidade “*listening*” deve ser mais explorado nas aulas de língua inglesa do 1º ao 8º ciclo do curso de Letras-Inglês por se mostrar, em consonância com o “*speaking*”, uma habilidade estável na aquisição de aspectos fonético-fonológicos da LE – tanto da fonologia SE quanto da SU.

Sugerimos também que, para a obtenção de resultados mais acurados em estudos futuros, fazem-se necessárias pesquisas com um corpus mais consistente, com variáveis sociolinguísticas bem determinadas e com um número de experimentos mais significativo a serem testados à luz do modelo laboviano, bem como, a análise de procedimentos sob o ponto de vista fonético-acústico uma vez que esta pesquisa se deu no nível perceptual.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, U. K. ***Consciência dos aspectos fonético/fonológicos da L2.*** In: LAMPRECHT, R. R.; BLANCO-DUTRA, A. P.; SCHERER, A. P. R.; BARRETO, F. M.; BRISOLARA, L. B.; SANTOS, R. M.; ALVES, U. K. (Org). *Consciência dos sons*

da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 201-231.

VERY, P.; EHRLICH, S. *Problems of Selected Language Groups.* In: VERY, P.; EHRLICH, S. *Teaching American English Pronunciation.* New York, Oxford University Press, 2012b, pp 111-157

VERY, P.; EHRLICH, S. *Common Pronunciation Problems.* In: VERY, P.; EHRLICH, S. *Teaching American English Pronunciation.* New York, Oxford University Press, 2012a, pp. 96-109.

CELCE-MURCIA, M. *Teaching Pronunciation: A course book and reference guide,* 2 ed. New York, Cambridge University Press, 2010.

HAYES, B. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies.* Chicago, University of Chicago Press, 1995.

JENKINS, J. *The phonology of English as an International Language.* Oxford, Oxford University Press, 2000.

SILVA Jr, L.; SCARPA, E. *Choques de acento e interferências rítmicas do português brasileiro na aquisição do inglês como L2: considerações preliminares.* Revista Prolíngua, Vol. 8, nº 2, 2013, pp 93-106.

SELKIRK, E. *Phonology and Syntax: The relation between sound and structure.* Cambridge: MIT Press, 1984.

SOARS, J.; SOARS, L. *American Headway: student book & cd 1.* New York, Oxford University Press, 2001.